

O QUE ME LEVA A CONTINUAR? A PERMANÊNCIA DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO APOSENTADO NO EXERCÍCIO DE SUA PROFISSÃO¹

WHAT MAKES ME KEEP ON? A STUDY ON THE RETIRED PROFESSOR MAINTENANCE AT WORK

Leda Jurema Borba Ribeiro² e Luciane Najar Smeha³

RESUMO

Neste artigo, apresenta-se uma pesquisa qualitativa que reflete a permanência do professor universitário aposentado no exercício de sua profissão. Com o objetivo de compreender quais motivos que o levam a continuar na docência, foram realizadas sete entrevistas semiestruturadas, gravadas e transcritas literalmente, com esses profissionais em uma universidade pública, na cidade de Santa Maria, RS. Os dados da pesquisa foram compreendidos a partir da análise textual. Os resultados deste estudo permitem entender que continuar na docência relaciona-se com a satisfação; à capacidade física e mental; à realização em poder transmitir o seu legado a novos profissionais e contribuir à formação deles. Conclui-se que, na prática profissional, o prazer, a vaidade e a identidade produtiva na sociedade são fatores que contribuem significativamente para a permanência do professor universitário no exercício da sua profissão.

Palavras-chave: trabalho, docência, aposentadoria.

ABSTRACT

This article utilizes a qualitative research on which is reflected the remaining of the retired university professor in the exercise of his profession. With the objective of understanding which reasons lead this professor to continue teaching, seven semi-structured interviews were carried out, recorded and literally transcribed, with these professionals at a public university in the city of Santa Maria, RS. The data

¹ Trabalho Final de Graduação - TFG.

² Acadêmica do Curso de Psicologia - UNIFRA.

³ Orientadora - UNIFRA.

of the research were comprehended through Moraes' (2003) qualitative textual analysis. The results of this study point out that continuing to teach is related to satisfaction; to mental and physical capacity; and to the fulfillment of being able to transmit one's legacy to new professionals and so contributing to their graduation. Therefore, it is concluded that, in professional practice, pleasure, vanity and productive identity in society are factors that contribute meaningfully to the remaining of the university professor in the exercise of his profession.

Keywords: *work, teaching, retirement.*

INTRODUÇÃO

O trabalho de professores é um tema bastante discutido por autores como Freire e Shor (1986), Nóvoa (1999), Veiga (2007), Marin et al. (2005), Tardif (2007), Tarfid e Lessard (2008), Tarfid e Raymond (2000) e Demo (2004). No entanto, neste texto, propõe-se uma discussão a respeito de um tema pouco referido, ou seja, a continuidade do trabalho docente universitário após a aposentadoria.

Sabe-se que os aposentados representam uma grande parcela da população brasileira (IBGE, 2004). Entretanto, nesse universo, há pessoas que mantêm suas capacidades intelectuais intactas e são, portanto, capazes de continuar sua caminhada produtiva, apesar das representações sociais, que relacionam aposentadoria à velhice. Assim, com o aumento da expectativa de vida, em média 71,3 anos (IBGE, 2004), a valorização da maturidade é um desafio na contemporaneidade.

Em vista disso, neste estudo, aborda-se a inserção de professores universitários aposentados da rede pública em instituições particulares de ensino superior. Esta pesquisa foi realizada em Santa Maria, RS, cidade universitária, onde há um grande número de professores que, ao se aposentarem de uma universidade federal, ingressam em faculdades particulares, dando continuidade à carreira docente.

Mesmo com a tendência atual de dissociar velhice de aposentadoria, ainda é forte esse estigma, pois – para a maioria das pessoas – essa associação é considerada sinônimo de incapacidade. Isso explica, em parte, a falta de reconhecimento e de valorização desses profissionais de meia-idade, por mais que sejam competentes e que contribuam para a formação de novos profissionais. Nessa perspectiva, verificam-se contradições como, por exemplo, do professor visto como velho e que, no entanto, é um sujeito histórico, produtor de conhecimentos, capaz de promover mudanças por meio da sua prática e da sua experiência.

Nesta pesquisa, objetivou-se compreender quais os motivos que levam o professor universitário aposentado a continuar na docência; conhecer as possíveis dificuldades desse professor ao se desvincular da profissão; identificar os projetos de vida que foram envolvidos no processo de aposentadoria; conhecer como a reorganização familiar e financeira exigida pelo processo de aposentadoria influenciou a sua decisão em manter-se na profissão; elucidar a percepção do professor sobre a relação prazer e sofrimento na docência.

Assim, ao mesmo tempo em que se procura conhecer e apresentar a visão desses profissionais, há a intenção de refletir sobre o significado do trabalho no contexto da saúde mental dos professores universitários aposentados.

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada de acordo com a metodologia qualitativa proposta em Moraes (2003), a qual propõe a utilização de seus principais elementos, a unitarização, a categorização e a comunicação. Participaram sete professores universitários aposentados de uma universidade federal, quatro deles pertencentes ao sexo masculino e três ao sexo feminino, os quais optaram por continuar na docência em instituições particulares de ensino superior na cidade de Santa Maria-RS. Todos os participantes optaram por seguir trabalhando na educação após a aposentadoria. A escolha dos professores participantes deste estudo ocorreu por conveniência. O quadro 1 traz algumas informações relevantes a respeito deles.

Quadro 1 - Caracterização dos Participantes.

Participante	Idade	Sexo	Formação	Pós-Graduação	Tempo de trabalho na universidade Federal	Tempo de aposentadoria	Tempo de trabalho nas instituições particulares
A	59	Fem.	Engenheira	Mestrado	25 anos	12 anos	11 anos
B	61	Fem.	Pedagoga	Mestrado	25 anos	11 anos	11 anos
C	61	Masc.	Advogado	02 mestrados	35 anos	06 meses	05 anos
D	61	Masc.	Contador	Especialização	25 anos	11 anos	10 anos
E	65	Masc.	Agrônomo	Mestrado	28 anos	11 anos	09 anos
F	54	Fem.	Desenho e plástica/ Publicidade	Mestrado	24 anos	05 anos	04 anos
G	69	Masc.	Médico	Especialização	30 anos	07 anos	20 anos

Efetuarão-se entrevistas semiestruturadas, em locais, horários e dias previamente combinados, em que todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido definido com os entrevistados. Dessa forma, o material coletado foi gravado e transcrito para a realização da análise textual qualitativa, segundo a metodologia proposta por Moraes (2003).

Inicialmente, foi esclarecido aos entrevistados que seria obedecido um roteiro de entrevista com questões norteadoras sobre o significado do trabalho, as relações interpessoais e as estratégias defensivas utilizadas para lidar com o afastamento da universidade federal. As respostas foram agrupadas, formando unidades de base e subcategorias. Desse modo, a análise dos dados, permitiu o delineamento das seguintes categorias finais: a relação entre o significado do trabalho e a continuidade da prática docente após a aposentadoria; prazer e sofrimento docente; ganhos e perdas diante da aposentadoria.

O projeto desta pesquisa foi submetido à apreciação do Comitê de Ética do Centro Universitário Franciscano - UNIFRA, e aprovado sob o número 082.2008.3.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

RELAÇÃO ENTRE O SIGNIFICADO DO TRABALHO E A CONTINUIDADE DA PRÁTICA DOCENTE APÓS A APOSENTADORIA

O trabalho, atividade atribuída somente ao ser humano, recebe diferentes definições e significados em diferentes épocas e culturas. Também para os entrevistados, embora exercendo a mesma atividade, esse conceito é modificado conforme a área do ensino ou o estilo de vida. Os conceitos, as interpretações e os sentidos do trabalho, segundo Moresco e Stamou (2004), variam de pessoa para pessoa, dependendo do local e do tempo que ela trabalha. Há aquelas que o veem como algo penoso e estressante; outras, como importante e que enobrece o ser humano. A visão do trabalho pode ainda significar poder econômico, realização profissional e dignidade ao ser humano. Para a entrevistada A, o trabalho é “[...] *sobreviver de todas as formas né, sobreviver como pessoa, como pessoa física, financeiramente, é importante o trabalho; e o trabalho também é uma terapia ocupacional, sem dúvida. Então, eu sou daquelas que acredita que o ócio é o pior inimigo do indivíduo; então, pra mim, o trabalho realmente é importantíssimo [...]*”.

Mais do que em qualquer época da história, atualmente o ser humano é julgado pelo que produz. A acelerada busca pelo ter - desde os primeiros anos

da educação infantil - incentiva os sujeitos a uma desenfreada competitividade e ao consumo. De acordo com Bulla e Kaefer (2003), o ser humano cresce se preparando para o trabalho, pois precisa dele para o seu sustento e para o seu crescimento pessoal; aquele que é improdutivo é excluído, principalmente em uma sociedade capitalista. Conforme o entrevistado D, “[...] *trabalho é uma ocupação necessária ao ser humano e pela sobrevivência e para a satisfação pessoal. Ele é gratificante; a pessoa sem trabalho seria frustrada [...]*”.

Muitos docentes, assim como quaisquer outros profissionais, têm no trabalho a sua própria vida; ele ocupa praticamente todo o seu tempo diário, tornando-o sua identidade. Porém, quando se aposentam, não estão preparados para se assumirem como seres humanos, com direito ao lazer e ao ócio como recompensa aos anos trabalhados. Camargo (1998) afirma que “Nem todos têm a mesma capacidade e o mesmo gosto para o trabalho. Há quem viva muito feliz, apenas trabalhando. Há quem não entenda a vida sem trabalho e só no trabalho consegue experimentar um sentido de plenitude existencial” (p. 87). Constatando a afirmação do autor, a entrevistada F salienta, que “[...] *não é só um meio de sobrevivência; pra mim ele sempre foi associado à minha própria vida, sem trabalho eu não seria o que eu sou, não teria o que eu tenho, não teria, não conseguiria me imaginar sem o trabalho. Eu tenho a minha vida dentro do meu trabalho praticamente [...]*”.

Dentre as muitas atribuições do seu trabalho e em sua trajetória, o docente auxilia a construção do conhecimento dos seus alunos e, ao mesmo tempo, aperfeiçoa o seu próprio saber, buscando constantemente renovar-se para acompanhar as transformações sociais. Na ótica de Enricone e Grillo (2007), o saber docente é plural e construído ao longo de sua vida pessoal e profissional nos eixos científico, empírico e pedagógico. Contudo, por causa da rapidez com que as novidades podem ser ultrapassadas, é necessário que ele reorganize o seu aprender e o seu ensinar para acompanhar a evolução do conhecimento nas diversas áreas e, com isso, assegurar qualidade ao ensino. Ao compartilhar essa ideia, o participante C depõe: “[...] *Então, essa parte é que realmente é que me dá boa motivação, porque é uma coisa que exige de mim muita agilidade intelectual, muita preparação, muita curiosidade e exige atualização... Essa exigência que eu digo que é um desafio [...]*”

Há muitas discussões sobre as atividades designadas ao professor além da sala de aula, como a falta de tempo para atualizar-se, para o lazer, enfim, para esferas externas à profissão. Autores como Marin (2005), Tardif e Lessard

(2007) e Nóvoa (1999) concordam que o trabalho dos professores não está limitado somente ao período em que está na sala de aula, mas, muitas vezes, ocupa o tempo que poderia ser para o lazer. Apesar disso, sabe-se, por meio da mídia, que há, a cada concurso para o magistério superior, uma infindável lista de concorrentes. Nóvoa (1999) compreende que a docência no ensino superior ainda conserva determinado prestígio explicado pela sua prática coletiva social a qual lhe confere um maior *status*. Ratificando isso, os entrevistados F e C, respectivamente, argumentam: “[...] *Ah é, tem aquela coisa da vaidadezinha, sabe. Ah, eu sou professora. O pessoal diz: ah, tu não devia ter saído; porque tu faz uma falta [...]*”. “[...] *Há uma dose de vaidade na continuidade do magistério, porque ele precisa permanecer frente de uma platéia, é um desempenho, de certa forma, artístico [...]*”.

Durante toda uma vida considerada produtiva, o trabalhador passa a maior parte do seu tempo praticando aquilo que aprendeu e que continua a aprender. Habitado a ser identificado por sua profissão, muitas vezes se depara com situações em que responde pelo cargo que lhe foi conferido, ao invés de seu nome. Torna-se então não um nome, mas uma profissão. No decorrer do tempo, quando a aposentadoria se aproxima, pode intimidar-se pela representação social que ela concebe. Além disso, ao afastar-se do trabalho, perderá sua identidade, construída ao longo dos anos, por meio do exercício de sua profissão (TARDIF; RAYMOND, 2000).

O ser humano convive em vários contextos. Contudo, é nas relações do trabalho e nas da família que essa rede se estabelece, fortalece vínculos, influenciando um ao outro. Para Silva (1994), essa teia gera um fluxo de mão dupla nessa subjetividade, ou seja, ao mesmo tempo em que as experiências familiares se deslocam para o ambiente de trabalho, o inverso também acontece, outras experiências voltam do trabalho para o meio familiar. A dinâmica dessa corrente ocorre frequentemente. O participante C constata que “[...] *o trabalho acaba sendo uma extensão do indivíduo e muitos fazem confusão: trazem problemas do trabalho pra casa e problemas da casa pro trabalho [...]*”.

De acordo com esse autor, é incontestável a influência que o trabalho exerce sobre o cotidiano das relações familiares, uma vez que o aumento no número de horas trabalhadas reduz o convívio do trabalhador com a família, e o cansaço afeta a qualidade dos relacionamentos nesse contexto.

O foco do trabalho dos professores participantes não só se limita ao prazer ou ao retorno financeiro, mas também é a forma de manter suas capacidades e atividades intelectuais e, desse modo, preserva, estimula e previne possíveis

problemas de saúde. Para Gomez e Thedim-Costa (1997), é difícil contemplar a abrangência da relação processo-trabalho-saúde em suas diversas e sobrepostas dimensões, desde as razões sócio-históricas que dão origem à forma como se concretizam os espaços de trabalho. Para os participantes C e D, significam “[...] a manutenção do magistério após a aposentadoria, primeiro por uma necessidade que eu tenho porque tive uma isquemia, o médico me recomendou que não parasse de exercitar o cérebro [...]”; “[...] e me sentia capaz ainda pra trabalhar [...]” .

Em especial para as pessoas mais velhas, principalmente quanto ao aspecto psicológico, Dreps (1993) atribui à atividade um valor maior quando ela oferece significado à vida, contribuindo com a interação social satisfatória, um significado para a sua existência, prevenindo o estresse e as doenças, prolongando a expectativa de vida. Coury (1993) complementa, referindo a que “são muitas as correlações possíveis entre satisfação no trabalho e satisfação em outras tarefas da vida” (p. 137). O professor G afirma: “[...] Nunca pensei em ficar só aposentado: eu acho que enquanto se tem condições de saúde, que a gente possa continuar, deve continuar [...]”

Segundo Carter (1995), a possibilidade da ocorrência de doenças, especialmente nas pessoas mais velhas, reflete insegurança em todo o sistema familiar, principalmente quando se trata da perda do funcionamento físico e mental. A entrevistada B faz a seguinte referência, “[...] com a doença do meu marido, até o médico me aconselhou: diminui, mas não pára, não pára, é uma maneira que tu tens de todos os dias dar uma saída [...]”

Nota-se que o ser humano, ao realizar um trabalho prazeroso, tem a sensação de bem-estar físico e psíquico. Assim, o trabalho pode gerar desconforto, mas nem todos os trabalhadores sofrem ao exercer as suas funções profissionais.

PRAZER E SOFRIMENTO DOCENTE

Embora as experiências e vivências de mundo dos sujeitos sejam singulares, elas são entrelaçadas na prática cotidiana. Dejours (1992) refere a que as relações do trabalho são todos os laços humanos criados pela organização do trabalho. Dessa forma, Chagas et al. (2004) entendem que os saberes docentes são necessários para a prática pedagógica eficiente, entretanto a qualidade dos vínculos e valores estabelecidos na relação entre os seres humanos define como eles são e estão no mundo. No caso da pesquisa apresentada, essa relação professor-aluno parece estar embasada nesses

conceitos. A entrevistada B refere que “[...] *agora, naquele momento que tô com os alunos, trocando ideias, é isso que me faz seguir. O meu momento melhor é aquele que estou na sala de aula [...]*”.

Antagonicamente a essa situação, em virtude da complexidade das relações entre os seres humanos, evidentemente, nem tudo se estabelece de maneira uniforme no dia a dia de professores e alunos, e conflitos podem ocorrer devido aos distintos pensamentos e opiniões entre esses segmentos universitários. Santos, Antunes e Bernardi (2008) ressaltam o mal-estar docente promovido pelas relações interpessoais entre colegas de profissão, com os alunos e toda a equipe que o assiste. Nesse sentido, Tardif (2007) aponta que alguns professores “viveram conflitos difíceis, seja com a direção, seja com colegas ou alunos, e esses conflitos provocaram certos desequilíbrios pessoais” (p. 99). O participante C relata: “[...] *É claro que eu tive conflitos na aula também, conflitos sérios; eu fui processado umas três ou quatro vezes por alunos [...]*”.

Para Tardif e Lessard (2008), o docente é um ‘ser-em-relação’ com os seus alunos, com os colegas e com todas as outras pessoas do seu convívio profissional, e seu trabalho torna-se um ‘trabalho coletivo’ por ser praticado em instituições e por nelas haver todo um trabalho em equipe, como as reuniões, por exemplo.

Contudo, parece que as relações interpessoais entre os entrevistados e a comunidade universitária são satisfatórias. Os conflitos mencionados talvez tenham ocorrido por choques intergeracionais, entre alunos e professores, ou por uma falha na comunicação, o que, muitas vezes, é inevitável quando um grupo compartilha de um mesmo espaço, mas cada um tem uma percepção particular para uma mesma situação. Desse modo, as relações interpessoais são bem referidas, como razão para continuar na docência.

Na relação com o aluno, a avaliação é um aspecto polêmico que gera ansiedade nos professores. Demo (2004) considera a avaliação um trauma tanto para alunos quanto para professores, porque “implica comparar, contrastar, classificar” (p. 108), e é sempre injusta porque não se pode avaliar outro ser humano sem utilizar “procedimentos reducionistas” (p. 116). O entrevistado E corrobora com a ideia do autor “[...] *É quando tenho que corrigir uma prova e o aluno fica no meio termo. A avaliação... quando tem que julgar... eu não serviria, nunca seria juiz na vida [...]*”.

Por outro lado, há professores que consideram que a falta de maturidade por parte dos alunos é um dos maiores entraves para a avaliação. Conforme Freire e Shor (1986), os alunos que há pouco saíram do ensino médio, são jovens que

não têm muita noção do que é ser universitário. É o caso da entrevistada F: “[...] *Pouca motivação pra saber mais; são muito novos, são muito novos [...]*”.

Assim, ao assumir um trabalho, cada profissional tem uma forma muito própria de executá-lo. Entretanto, o desafio maior é trilhar esse caminho com satisfação, a fim de, por meio dele, buscar o conhecimento, contagiar o seu público para que alce voo e continue a sua caminhada, e ultrapassar o esperado pelos seus educadores. Para essa realidade se concretizar, Kurek (2000) salienta que, se o professor for apaixonado pelo que faz, ele *vive* enquanto trabalha; Dessa maneira, ele se envolve no “processo de construção pessoal e coletiva, de si, do outro e do mundo” (SILVA, 2000, p. 146). As entrevistadas A e F exemplificam: “[...] *Ah, o que é mais prazeroso é a gente ter a notícia de um aluno, dois, três, estarem assim, por exemplo, no Rio de Janeiro fazendo Pós-graduação; ou trabalhando no melhor escritório do país; ou em Cambridge. Acho que isso é muito bom, muito gratificante. Assim, que o aluno, que o aluno supera o mestre assim. Nossa! É bom demais! [...]*”. “[...] *Quando chega o momento que tu sentiu que aquele investimento valeu a pena, nem que seja um ou três alunos numa turma de 30, ou mais, isso é muito prazeroso [...]*”.

Em todos os lugares, há professores conscientes de sua missão que não só se utilizam da técnica, mas também da arte e do amor, porque na sua ausência há problemas para professores e alunos (MORIN, 2003). Para os docentes D e C, “[...] *o que me encanta é o progresso dos jovens, né, começam o curso com uma certa imaturidade e depois você vê eles desabrochando, amadurecendo e bumba [...]*”. “[...] *Uma coisa interessante que eu acho que valeu a pena: volta e meia eu recebo um aluno ou outro que fez concurso pra juiz, pra promotor, pra delegado e vem me dizer [...]*”.

Desse modo, a competência do docente na formação do acadêmico é espelhada no sucesso profissional alcançado por ex-alunos, percebido como produto final do trabalho como professor. Evidencia-se, dessa forma, a vaidade humana, subjacente ao desejo de continuar ministrando aulas.

GANHOS E PERDAS DIANTE DA APOSENTADORIA

Os professores que contribuíram para este trabalho encontraram a sua maneira de se protegerem do sofrimento por meio de alguns mecanismos que, de certa forma, os minimizem. Na percepção de Farina (2007), uma das formas de manter-se vinculado ao trabalho, às obrigações e ao autodesenvolvimento é

a redução das atividades docentes na própria universidade. Os docentes B e E resumem: “[...] Olha, eu tenho conta no Banco do Brasil lá de fora que até hoje eu não trouxe pro centro, justamente pra ir lá [...]” “[...] Quando eu me aposentei, eu continuei lá na universidade como editor de uma revista [...]”.

O período que antecipa a idade da aposentadoria, para Nóvoa (1999), varia conforme os professores vivenciaram essa caminhada e pode transitar desde o isolamento até os valores de caráter prático dessa mudança. Esses profissionais diversificam os procedimentos defensivos transitando desde a recusa em partilhar projetos à fuga ao desafio e ao sonho. Ao contrário, há também aqueles que se dispõem a aceitar a inquietação, a desaprender e a reaprender, envolvendo-se em projetos que deem sentido à sua existência.

As universidades não preparam os seus trabalhadores para a aposentadoria. Conforme Hopf (2002), “não é comum acontecer uma preparação para essa nova fase da vida” (p. 95). Culturalmente, o ócio, em geral, é visto como sinônimo de preguiça (FERREIRA, 2004) e isso favorece, muitas vezes, o sentimento de inutilidade. O trabalho, principal fonte de interesse das pessoas, base de sustentação econômica, propicia um grande envolvimento de seus profissionais, obstáculo para lidar com o afastamento progressivo de suas atividades (HOPF, 2002). Na docência, os últimos anos que antecedem a aposentadoria consistem em um desafio e servem para avaliar a capacidade de se desvincular das atuais responsabilidades.

Embora não existam receitas infalíveis para aliviar a ansiedade, que precede a aposentadoria de alguns profissionais, o entrevistado E iniciou, com antecedência, a elaborar esse processo: “[...] Uns sete anos mais ou menos eu já tava pensando, fazendo as contas: eu vou ter que sair daqui, né. Tá, então eu tava me preparando psicologicamente pra isso, né. E assim foi aos poucos, não sai de um dia pra outro. Não seria fácil pra quem trabalhou mais da metade da vida lá, de repente não ir mais lá [...]”.

Tentar ludibriar o tempo é uma pretensão humana, sobretudo, quando o valor da juventude se sobrepõe ao da experiência. O tempo passa e o trabalhador chega a um determinado momento em que tem que dar lugar a outros que continuem o seu trabalho. Nessa etapa da vida, a época da aposentadoria, com o intuito de preservar o seu espaço ou de não se tornar “um esquecido,” busca formas para defender-se do sofrimento por meio de mecanismos que o preservem da fragilidade de seus sentimentos. Então, no caso dos participantes desta pesquisa, para alguns, foi necessária a autopreparação para essa fase da vida; para outros, o desligamento lento e gradual do trabalho. Entretanto, sem preparo para enfrentar a aposentadoria e por sentirem-se ainda capazes, em todas as esferas de sua vida, para continuar, optam por seguir sua jornada em uma instituição privada.

Levantar-se cedo, ministrar aulas diariamente durante anos, preparação e correção de provas, relações conturbadas ou não, fazem parte do cotidiano do professor, diversas vezes desvalorizado em sua profissão. Ainda assim, essa experiência será capaz de fazê-lo sentir prazer em continuar exercendo a docência. Em sua vivência, Girardi e Soares (2004) assinalam que a saudade da agitação, aquela que muitas vezes trouxe reclamações, agora é sentida pelos docentes que “sozinhos em casa sentem a falta da conversa com alunos e da conversa com os colegas na hora do intervalo”.

Entende-se que o trabalho social e em equipe, desenvolvido pelos docentes, fortalece os vínculos estabelecidos ao longo da carreira profissional, trazendo aos entrevistados reflexões e lembranças. Segundo G e B, “[...] é como se a gente se afastasse de uma família que a gente constituiu durante toda aquela época, durante todos aqueles anos de trabalho com os colegas, com os funcionários, com os alunos; sempre deixa uma saudade [...]”. “[...] A gente analisa toda uma vida, né, a gente passou lá dentro vinte e cinco anos, fez boas amizades, o trabalho em si. Dá um vazio... então, quando eu entro lá eu digo: mas que saudades! Porque não é brincadeira, né, a gente passa uma vida inteira [...]”.

Os proventos, o prazer na tarefa a ser realizada, o ambiente, o caminho para o trabalho, o status, as relações com os colegas, e mesmo os móveis, ou os equipamentos de trabalho, para França (1999), fazem parte da história de vida do sujeito que, muitas vezes, não quer se desligar, até porque isso implica, em geral, uma substituição. Segundo os professores D e F, “[...] não seria fácil pra quem trabalhou mais da metade da vida lá, de repente não ir mais. A gente tinha relações de amizade lá, e o pessoal de lá também viu isso, colaborou também, deixaram o meu birô, as minhas coisas lá, tudo, né.[...]”. “[...] Vejo as mesmas portas, os corredores, então essa sensação de familiaridade, ela é muito forte ainda [...]”.

Apesar dos benefícios provindos da continuidade do seu trabalho, em instituições de ensino superior, a saudade do antigo emprego leva esses docentes a lançarem mão de táticas que os mantenham, de certa forma, ligados a esse ambiente de trabalho. Entre os professores, cultivam-se as mais variadas formas de contato com a universidade, como se o que deixaram para trás fosse parte de uma família ampliada que, por razões alheias à sua vontade, tiveram que abandonar.

Além disso, Veiga (2007) acrescenta que a aposentadoria pode significar o afastamento de um espaço e tempo que levaram esse profissional a construir o seu perfil e até mesmo a sua identidade. O entrevistado D refere que “[...] o afastamento dos colegas, e a própria, e principalmente da atividade, ele é

marcante, é marcante. Eu acho que se a pessoa não tiver outra atividade no momento, tem que se prepara muito pra enfrentar isso porque ficaria, eu imagino, um vazio muito grande [...]”.

O lazer está cada vez mais presente na vida das pessoas, apesar dos empecilhos socioeconômicos, muitas vezes, fatores determinantes na distribuição do tempo. Contrapondo-se a essa opinião, Camargo (1998) considera a prevalência do trabalho sobre o lúdico na vida humana, desde o surgimento da indústria, época em que já se temia a ociosidade. Ao herdar esse pensamento, ainda hoje se cultiva o apreço maior ao trabalho, colocando o lúdico em segundo plano.

A pesquisa de Veiga (2007) ressalta que as principais formas de lazer dos docentes estão focadas nos esportes, na jardinagem e, também, no maior convívio com a família e os amigos. Para França (1999), quando o lazer não depende do aspecto econômico, alguns podem dedicar-se ao futebol, às caminhadas, à leitura, ao cinema. Conforme o docente E, “[...] *nos finais de semana, vou pra uma chacinha que eu tenho e viro colono como dizem os meus amigos...; faço musculação [...]”*.

Ao referir-se ao lazer na aposentadoria, Marcellino (1995) analisa que, teoricamente, ela seria um direito a não fazer nada, apenas viver sem horários ou obrigações, mas, em geral, não há ofertas interessantes aos aposentados de acordo com as suas possibilidades de saúde, finanças ou disposição para tal. Em relação à sua forma de lazer, a entrevistada A esclarece: “[...] *Não, não tenho nada específico; eu tenho assim os meus amigos de sempre, os amigos novos, os amigos antigos, os amigos; não tenho nada assim particular [...]”*

Percebe-se ainda em relação aos professores entrevistados que trabalham em uma instituição privada cuja carga horária não é tão sobrecarregada quanto a anterior, que as formas de lazer não são muito diversificadas, limitando-se, segundo eles, à convivência com amigos, familiares ou a atividades que não exijam dispêndio maior de deslocamento ou de finanças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os professores aposentados apontam várias razões para continuarem no exercício de sua profissão, entre elas, exaltam o prazer e a plena capacidade física e mental para o trabalho. A docência é percebida como um exercício para manter a saúde e adiar o envelhecimento, além de contribuir para a sociedade participando ativamente da formação acadêmica dos futuros profissionais.

Quanto ao contexto familiar, nota-se que a maior repercussão do trabalho na vida dos professores ocorre quando os filhos são pequenos. Para esses profissionais, que continuam no exercício de sua profissão, o que antes poderia

ser motivo de preocupações e de renúncias, agora se transforma em cumplicidade, isto é, eles e os seus filhos, hoje adultos, tornam-se solidários e orgulhosos da capacidade de produção por meio do trabalho uns dos outros.

Os resultados apresentados indicam que a remuneração financeira não é um fator significativo entre as motivações que levam o professor universitário aposentado a permanecer na prática profissional. Os objetivos dos docentes, atualmente, representam a preservação da saúde; o intelecto ativo; a contribuição para a formação de outrem, além de contar com acréscimo no seu saldo bancário para concretizar alguns sonhos.

Investir e permanecer na docência para esses profissionais implicam enfrentar algumas dificuldades nos relacionamentos interpessoais e na avaliação dos seus educandos. Por outro lado, essa aflição é compensada pelo amadurecimento dos alunos ao longo da convivência e quando o investimento feito, retorna por meio do sucesso dos seus ex-alunos, que ingressam no mercado de trabalho com aptidão; reflexo parcial da transmissão do seu saber.

No cotidiano docente, há busca de reconhecimento profissional, visto que a vaidade é inerente ao ser humano, o seu valor é medido pelo que produz, e, no caso do professor, o resultado de seu trabalho é contribuir na formação dos alunos. Alia-se a esses fatores a necessidade de lidar com a proximidade da velhice e da morte.

Cabe ainda ressaltar que esses profissionais, muitas vezes desvalorizados, viveram e continuam vivendo desafios no campo profissional. Eles permanecem assumindo responsabilidades e exigências para atender ao contexto universitário atual; para tanto, utilizam suas potencialidades e, a cada dia, recriam novas formas de lidar adequadamente com os obstáculos decorrentes do exercício da sua profissão.

Com a longevidade conquistada, os docentes estudados, representantes de um novo envelhecimento, ressignificaram as suas experiências de vida e de profissão. Entretanto, pensa-se que o fazer docente não pode ser reduzido ao prazer quando se sabe, por observação, que a proximidade da velhice causa inquietação às pessoas. Então, o continuar na docência não teria o intuito de afastar o estigma da representação social da aposentadoria?

REFERÊNCIAS

BULLA, L. C.; KAEFER, C. O. Trabalho e aposentadoria: as repercussões sociais na vida do idoso aposentado. **Revista Virtual Textos e Contextos**, v. 2, n. 2, dez., 2003.

CAMARGO, L. O. L. **Educação para o lazer**. São Paulo: Moderna, 1998.

CARTER, B. **As mudanças no ciclo de vida familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CHAGAS, E. R. C.; BRAIGHI, D.; RODRIGUES, G. M. [et al]. A prática educativa: uma pesquisa viva. **Educação**, Porto Alegre – RS, v. 27, n. 3, p. 569-595, set./dez. 2004.

COURY, H. J. C. Satisfação no trabalho e satisfação na vida: questões teóricas e metodológicas. In: NÉRI, A. L. (Org.). **Qualidade de vida e idade madura**. Campinas: Papyrus, 1993.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**. São Paulo: Cortez, 1992.

DEMO, P. **Universidade, aprendizagem e avaliação: horizontes reconstrutivos**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

DREPS, V. L. Atividade e bem-estar psicológico na maturidade. In: NÉRI, A. L. (Org.). **Qualidade de vida e idade madura**. Campinas: Papyrus, 1993.

ENRICONE, D.; GRILLO, M. C. Construção da docência. **Educação**, Porto Alegre, v. 30, n. especial, p. 231-242, 2007.

FARINA, A. S. A hora da aposentadoria. **Jornal da USP**, 23 a 29 de abril de 2007.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa** / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. – 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FRANÇA, L. Preparação para a aposentadoria: desafios a enfrentar. In: VERAS, R. (Org.). **Terceira idade: alternativas para uma sociedade em transição**. São Paulo: Relume Dumará/UnATI, 1999.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GIRARDI, G.; SOARES, C. Vou me aposentar. E agora? **Nova Escola On-line**, ed.177- nov./2004. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/preview.shtml>>. Acesso em: abr. 2008.

GOMEZ, C.; THEDIM-COSTA, S. M. F. A construção do campo da saúde do trabalhador: percurso e dilemas. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 13, supl. 2, Rio de Janeiro, 1997.

HOPF, A. C. O. **Fico ou vou embora?** – os sentimentos expressos por professores diante da aposentadoria. Maringá, v. 13, n. 2, p.89-96, 2º sem. 2002.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Síntese de Indicadores Sociais – Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: out. 2009.

KUREK, D. L. O professor é ator quando tem consciência de estar representando. In: OLIVEIRA, V.F. de (Org.). **Imagens de professores: significações do trabalho docente**. Ijuí: UNIJUÍ, 2000.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

MARIN, A. J. et al. **Didática e trabalho docente**. 2. ed. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2005.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual qualitativa. **Ciência e Educação**, v.9, n.2, p.191-211, 2003.

MORESCO, M. S. M.; STAMOU, S. P. V. O significado do trabalho. **Revista de Divulgação Técnico-Científica do ICPG**. v. 2, n. 7, 2004.

MORIN, E. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

NÓVOA, A. **Profissão professor**. Porto, Portugal: Porto, 1999.

SANTOS, B. S.; ANTUNES, D. D.; BERNARDI, J. O docente e sua subjetividade nos processos motivacionais. **Educação**, Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 46-53, jan/abr. 2008.

SILVA, E. S. **Desgaste mental no trabalho dominado**. Rio de Janeiro: UFRJ; Cortez, 1994.

SILVA, E. T. da. **O professor e o combate à alienação imposta**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação e Sociedade**, v. 21, n. 73, 2000.

_____. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. LESSARD, C. **O ofício de professor: história, perspectivas e desafios internacionais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

VEIGA, I. P. A. **Docentes universitários aposentados: ativos ou inativos?** Araraquara: Junqueira & Marin, 2007.